



O sol de Camus

É muito difícil iluminar os lados todos de Albert Camus. Fico-me pelo problema do sol n’ *O Estrangeiro*. Uma frase curiosa porque foi longe do local onde escrevo, esta manhã, com as persianas descidas para não queimar os olhos, foi no estrangeiro que encontrei a luz de Lisboa como ela é nos meus sonhos: Argel.

A capital argelina tem a mesma luz branca que cai do azul do céu, se reflecte na baía, atravessa as ruas da Casbah alegremente, como o faz em Alfama e no Castelo, mas fica implacável ao aquecer, pela hora de almoço. Um dos enigmas da literatura e de Camus, morto num desastre há 50 anos, é a explicação do narrador Mersault para o homicídio de um árabe na praia: Por causa do sol. É a melhor resposta que o jovem dá à polícia e ao tribunal. Absurda, mas coerente, como iremos ver, porque é pelo poder do sol que Mersault dá pistas para um crime evitável, sem grandes estados de alma, mas que cometeu nos dias seguintes ao desgosto (e ao alívio...) com que abre o livro: «Hoje, a mamã morreu.» Comprei na Librairie du 3ème Monde, na praça Emir Abdelkader, diante da estátua equestre do herói e sultão, um estudo sobre *O Estrangeiro*, de Bernard Pingaud, no qual se defende que o romance pertence inteiramente à Argélia, apesar de escrito em Paris. E ainda hoje, naquela loja onde Camus comprava livros e aprendia com eles a pensar, e também na rua onde o escritor viveu com a mãe (hoje há um cartaz de pizzas nas persianas do prédio), senti que *O Estrangeiro* pertence ao mundo todo, mas continua a ser de Argel. É obra do sol mediterrânico, mesmo depois de o mundo ter mudado, de uma terrível guerra de independência contra a França, de anos de socialismo falhado, seguidos da brutal guerra civil contra os integristas islâmicos. Épocas em que passou de bastião contra o colonialismo europeu, de pátria de exílios (a rádio onde falava Manuel Alegre contra o salazarismo, a presença habitual de Mário Soares), a um estranho mundo controlado por barragens da polícia, violento, escuro à noite, muitas mulheres de véu, rapazes a esfregar as costas nos muros, pouca comida para os habitantes e o medo dos atentados à bomba. Muitos ainda se lembram da reacção dos fundamentalistas ao boicote do Governo às eleições, quando se percebeu que os partidos islâmicos iam ganhar: viram-se pessoas

penduradas nos candeeiros de rua, degoladas, com a cabeça a olhar o seu próprio corpo. Camus é um escritor complexo, de posições políticas e poéticas fortes, um defensor da liberdade contra a injustiça, lembro algumas frases: «Um romance não é mais do que uma filosofia posta em imagens»; «Revolto-me, logo somos»; «A lucidez trágica não proíbe a exigência de humanidade»; «Cresci no mar e a pobreza era-me faustosa, depois perdi o mar e todos os luxos me pareceram cinzentos, a miséria intolerável». Mas n’ *O Estrangeiro* falas mais simples, despojadas, e, por assim dizer, frias como o seu narrador (que gostava de nadar, como Camus), têm a mesma força, iluminadas pelo astro: «Era o mesmo sol do dia em que a minha mãe fora a enterrar e, como então, doía-me a testa.»; «Sabia que era estúpido, que não me iria desembaraçar do sol simplesmente por dar um passo em frente»; «...o árabe tirou a navalha da algibeira e mostrou-ma ao sol. A luz reflectiu-se no aço e era como uma longa lâmina faiscante que me atingia a testa.» Depois, Mersault sacode «o sal e o sol da testa» e dá um tiro no árabe e depois mais três. «Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz.» E por isso será guilhotinado, por isso e por «ter assistido ao enterro da mãe com um coração de criminoso». O sol de Lisboa entra-me pelas persianas, ainda calmo, generoso nos primeiros dias da enorme crise que assalta Portugal. Quando for à praia, não faço mal a ninguém.